

Redes Culturais nos Primórdios da Europa

2400 Anos da Fundação da
Academia de Platão

Carmen Soares, Francesc Casadesús
Bordoy & Maria do Céu Fialho
(coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

PRÁTICAS ESPORTIVAS EM PLATÃO (Sporting practices in Plato)

FÁBIO DE SOUZA LESSA (fslessa@uol.com.br)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO – Neste artigo, propomos refletir acerca da relação entre corpo - *soma* - e alma - *psyche* - na Grécia Clássica (séculos V e IV a.C.) a partir das práticas esportivas, uma das áreas que constituem a *paideia* grega. Para tal propósito, analisaremos duas das obras do filósofo Platão: *A República* e *Leis*.

ABSTRACT – The present article proposes a reflection on the relation between body- *soma* - and soul- *psyche* - in Classical Greece (Vth to IVth centuries b.C) focusing on sporting practices, one of the areas constituting the Greek *paideia*. To achieve this aim, we will analyze two of the philosopher Plato's works: *The Republic* and *Laws*.

A boa educação se revela na capacidade de proporcionar ao corpo e à alma toda a beleza e excelências possíveis: eis um princípio que me afigura muito bem fundamentado.
(Platão. *Leis*. VII, 788c).

A epígrafe que escolhemos para iniciar o presente texto oferece indícios acerca do nosso objeto de estudo, a saber: a reflexão a respeito do equilíbrio entre o corpo - *soma* - e alma - *psyche* - trabalhado por Platão (427 a 347 a.C.) e princípio essencial, assim concebemos, para a ideologia *poliade*. Esta busca pelo equilíbrio físico e psíquico nos remete às discussões acerca da *paideia* grega, marcadamente um dos propósitos das reflexões estabelecidas nas *Leis*; até mesmo porque este equilíbrio está presente na formação de um cidadão perfeito. Ou, para sermos mais específicos, nos deteremos em um dos aspectos da *paideia*¹, tendo em vista que este conceito é bastante amplo e complexo - o das práticas esportivas que pressupõem o estabelecimento de uma harmonia entre corpo e alma. Assim sendo, defenderemos que a formação completa de um cidadão alia conhecimentos intelectuais aos

¹ São basicamente quatro as áreas que constituem a *paideia* ateniense: aprendizado das letras - *grammata* -, ginástica - *gymnastiken* -, música - *mousiken* - e desenho - *graphiken* (Aristóteles. *Política*. VIII, 1337 b, 24-27).

exercícios físicos², mas a ginástica - a cultura física - deve sempre estar subordinada à Filosofia³.

A relação entre corpo e alma em Platão foi também objeto de estudo do filósofo Giovanni Reale. Segundo o autor, para Platão, "... o corpo é não só e não é tanto um 'instrumento' a serviço da alma, e portanto algo sem o qual a alma não poderia exercitar as suas funções, mas é *algo antitético à alma*, e, sob certos aspectos, um *obstáculo às funções que lhe são próprias*"⁴. Seth Bernadete também se atém a essa questão e ressalta que cada diálogo platônico reforça que o ser tem uma relação com a alma⁵.

De imediato, é necessário destacarmos que o *corpus* de textos de Platão é extenso para a presente análise, o que nos fez optar pelo estudo da obra as *Leis*, em especial os Livros VII e VIII, aliado ao estabelecimento de interseções com os Livros II e III da *República*. Apesar de terem sido produzidas em momentos diferentes da vida do filósofo - considera-se, por exemplo, que as *Leis*, por ter sido a sua última obra, revele o seu pensamento mais amadurecido -, ambas as obras esclarecem juntas o tema da filosofia do Estado idealizado⁶.

De acordo com Violaine Sebillotte Cuchet, Platão, que era fortemente crítico da democracia ateniense⁷ - tal regime é apresentado como uma balbúrdia de vozes discordantes, sem nenhuma compreensão especializada das necessidades do todo⁸ -, imagina, por intermédio de Sócrates na *República*, uma nova *polis*⁹ ideal, partindo da observação da desigualdade dos cidadãos, necessariamente não hereditária. Ele enfatiza a variedade de habilidades dos indivíduos e os agrupa em guardiões, trabalhadores e artesãos. Já nas *Leis*, obra em que Sócrates está ausente, o filósofo ateniense busca dar vida à *polis* fictícia e ideal apresentada na *República*¹⁰. Aqui não vai nos interessar discutir a questão idealizada e/ou utópica

² Aristóteles, na *Política* (VIII, 1337 b, 28) considera como fundamental a ginástica, pois esta se constituía em um verdadeiro sistema de educação, sendo entendida sempre como uma prática que contribuía para a *andreia* do cidadão.

³ Barros 1996: 39.

⁴ Reale 2002: 175 – grifo do autor.

⁵ Bernadete 2000: xi.

⁶ Thomas Sinclair inclui também a obra *O político*, entendendo que esta é uma ponte de passagem entre *A República* e as *Leis* (Sinclair 1967: 177).

⁷ "Ora a democracia surge, penso eu, quando após a vitória dos pobres, este matam uns, expulsam outros, e partilham igualmente com os que restam o governo e as magistraturas, ..." (Platão. *A República*. 357a).

⁸ Annes, 2012, p. 68.

⁹ Polis pode ser concebida por Platão da seguinte forma: "Assim, portanto, um homem toma outro para uma necessidade, e outro ainda para outra, e, como precisam de muita coisa, reúnem numa só habitação companheiros e ajudantes. A essa associação pusemos o nome de cidade". A Justiça, que é o maior dos bens, é de toda a polis, pois esta é maior que o indivíduo (Platão. *A República*. II, 366c, 368e-369c).

¹⁰ Cuchet 2011: 160.

do Estado em Platão¹¹. Porém, vale ressaltar que, segundo a cientista política Ellen M. Wood, é nas *Leis* que se apresenta o que será uma alternativa à *polis* ideal. Na sua última obra, Platão converte os princípios presentes na *República* em um programa institucional, expondo, com grande detalhe uma *polis* governada por um sistema de leis ideais para emular a arte da política¹².

Antes de prosseguirmos convém evidenciarmos como conceberemos as duas obras de Platão a serem analisadas. Elas serão tratadas como documentação histórica, o que implica em dizer que elas fornecem informações sobre o seu autor – Platão –, o seu *lugar de fala* – a aristocracia ateniense – e o seu contexto de produção – a sociedade ateniense do Período Clássico (séculos V e IV a.C.). Não seria sem propósito destacarmos que concebemos o Estado/*Polis* apresentado, tanto em *A República* quanto nas *Leis*, como não correspondendo ao contexto ateniense de fins do século V e de inícios do IV a.C.; isto é, a *polis* vivenciada pelo filósofo e, de forma semelhante, à *polis* de períodos anteriores.

No que se refere ao conceito de práticas esportivas, convém uma observação: optamos nesta pesquisa pela sua aplicação ao invés do conceito de esporte para evitarmos as críticas frequentes à possibilidade de anacronismo. Este não é o espaço apropriado para aprofundarmos a questão, mas gostaríamos de enfatizar que concordamos com Donald G. Kyle quando afirma que além dos gregos não terem conhecido o termo esporte, que é contemporâneo, ele, de qualquer forma, é vago, impreciso e inclusivo. O autor ainda destaca que:

“Apesar de não ser um termo antigo, não podemos afirmar que não possamos aplicá-lo a um fenômeno da Antiguidade. Particularmente, o termo moderno pode abarcar uma série de conceitos gregos, como: *agon*, *athlos*, *gymnasion*”¹³.

Partiremos do princípio de que o conteúdo de uma dada palavra/conceito adquire sentido quando inserido em um determinado contexto¹⁴. Os gregos antigos constituíram e institucionalizaram um conteúdo que, guardadas as especificidades de contextualização, tem sido teorizado pelas sociedades contemporâneas com o conceito de esporte. Talvez os gregos antigos o tenham teorizado por meio dos conceitos de *agon*, *athlos* e *gymnasion*. Estabelecendo uma diferenciação entre jogos e esporte, Auguste Lespinas conclui que diferente dos jogos, o esporte não se apresenta como um dado natural ancorado no instinto humano. O esporte se constitui em um produto cultural, pressupondo uma preparação física e mental

¹¹ Para o estudo da relação entre utopia e *politeia*, consultar o volume 16-17 da Revista *Kleos* do Programa de Estudos em Filosofia Antiga do IFCS/UFRRJ. O volume conta com alguns artigos sobre a presente relação em Platão.

¹² Wood 2011: 104-05 e 108.

¹³ Kyle 2007: 9.

¹⁴ Neste aspecto, consultar: Koselleck 1992: 134-146.

para aceitar o esforço e o perigo¹⁵. Na verdade, Platão nas *Leis* (VII, 813d) faz uso do conceito de ginástica – *gymnastikes*¹⁶. Segundo o próprio filósofo, “... incluímos no conceito amplo de ginástica todos os trabalhos corpóreos...”; inclusive as atividades relacionadas com a guerra. Evidenciamos que ao aplicarmos o conceito de práticas esportivas, estaremos nos referindo à algumas das atividades físicas que são englobadas pela definição de ginástica de Platão; isto é, nos restringiremos aos trabalhos corpóreos vinculados às modalidades esportivas disputadas nos Jogos Helênicos, independente da vinculação inicial que as práticas dos exercícios físicos mantiveram com as ações militares.

O que convém reforçarmos é que as atividades físicas desenvolvidas pelos cidadãos gregos nas diversas modalidades no decorrer dos Jogos Helênicos as quais chamaremos de práticas esportivas, conforme explicitado acima, assumem contornos diferentes no tempo e no espaço. Segundo V. Vanoyeke, “a cultura do corpo, seu conteúdo e suas características se modificam ao curso da história”¹⁷.

Outro conceito fundamental para discutirmos é o de *paideia*. Este, segundo Claude Mossé, encontra-se vinculado à raiz *pais*¹⁸. Para Chantraine, *pais* exprime a infância e a juventude¹⁹. Já Bailly oferece algumas possibilidades de definição para *paideia*, tais como: educação de crianças, conforme em Platão nas *Leis* – *paideia* – (II, 653c) e no *Fédon* (107d); instrução, cultura do espírito e conhecimento das artes liberais, como no *Górgias* (470e); conhecimentos particulares em uma ciência ou arte, experiência; ou ainda juventude²⁰. Interessa-nos mais especificamente o sentido de *paideia* vinculada ao conceito de *pais*, pois nas *Leis*, diferente de *A República*, assim entendemos, é para as fases iniciais da infância que Platão se dedica²¹. Vejamos nas *Leis*:

“Dou o nome de educação – *paideian* – à virtude que se encontra inicialmente na criança – *paisin areten*. Quando o prazer e a amizade, a tristeza e o ódio se geram diretamente em almas ainda incapazes de compreender sua verdadeira natureza, com o advento da razão – *logon* – põem-se em harmonia com ela, graças aos bons hábitos sabiamente adquiridos” (II. 653 b).

“Em resumo: diremos que a educação – *paideia* – consiste na criação bem compreendida, que leva o espírito da criança, nas horas de recreio, a amar o que a tornará perfeita na virtude de sua profissão, quando atingir a maturidade” (I. 643 c).

¹⁵ Lespinas 2004: 10.

¹⁶ Ver: Platão. *Leis*. VII, 813b.

¹⁷ Vanoyeke 1992: 13-14.

¹⁸ Mossé 2004: 107.

¹⁹ Chantraine 2009: 818.

²⁰ Bailly 2000: 1438.

²¹ Ver neste sentido, Jaeger 2001: 1331.

Claude Mossé ainda enfatiza que o conceito é amplo, se reportando a todas as atividades educacionais e culturais que se desenvolveram a partir da segunda metade do século V a.C.. Este conceito abrange todo o processo educacional ateniense, consistindo em práticas intelectuais (como escrita e leitura), práticas físicas (esportes, caça), militares (*ephebia*), além dos valores éticos que eram essenciais à convivência na *polis*²². Ao buscarmos definir o conceito de *paideia* para os gregos antigos, seria, no mínimo estranho, não fazermos referência a dois autores clássicos sobre o tema na Antiguidade, a saber: Henri-Iréné Marrou e Werner Jaeger. O primeiro enfatiza que a *paideia* não designa unicamente a técnica para preparar a criança para a vida adulta, mas sim o processo educativo que se prolonga por toda vida²³. Já Jaeger, destaca que os ideais educativos da *paideia*, que são desenvolvidos no século V a.C., se baseiam em práticas muito anteriores, sendo a educação “o princípio por meio do qual a comunidade humana conserva e transmite a sua peculiaridade física e espiritual”, não sendo uma propriedade individual, mas pertence por essência à comunidade²⁴.

Fazendo referência à questão da *paideia* em Platão, destacamos que ela visa atingir o Bem. Reforçamos ainda, que os indivíduos que recebem uma boa educação se tornam, em geral, homens excelentes²⁵; certamente cidadãos virtuosos e pertencentes à aristocracia. Gerasimos Santa ressalta que na *República* o pressuposto básico, para além da teoria da Justiça, está assentado na relação funcional entre a virtude e o bem²⁶. Nas *Leis* (I, 643e-644a) há uma associação clara entre *paideia* e virtude, vejamos:

“Segundo penso, não é neste sentido que falamos de educação – *paideian* –, mas no da educação para a virtude – *areten ek paidon paideian* –, que vem desde a infância e nos desperta o anelo e o gosto de nos tornarmos cidadãos perfeitos – *politén genesthai* –, tão capazes de comandar como de obedecer, de conformidade com os ditames da justiça – *dikes*. Essa é a modalidade de educação – *paideian* – que tentamos definir, a única, segundo o meu modo de pensar, que merece ser assim denominada.”

A associação intrínseca ente *paideia* e *areté* presente na citação acima das *Leis*, pode ser vinculada por nós à noção de *ethos*, isto é, de uma formação mais global dos indivíduos, no âmbito da ética, que pressupõe a relação plena entre *logos/razão* e as tradições adquiridas pelo passado helênico. A virtude é algo crucial à vida, segundo Platão. Ela pode ser entendida como o elemento *controlador*

²² Mossé 2004: 107-8.

²³ Marrou 1990: 158.

²⁴ Jaeger 2001: 3-4. Ver ainda: Leão; Ferreira; Fialho 2010.

²⁵ Jaeger 2001: 1313-4.

²⁶ Santa 2010: 9.

e *defnidor* da vida; todo o resto não passa de matéria-prima sobre a qual a virtude trabalhará, e ela deve produzir um resultado que é um todo bem organizado²⁷.

Outra associação bastante relevante nas *Leis* (I, 643a) é aquela entre *paideia* e a esfera divina. Para nós, fica claro que a verdadeira *paideia* aparece referida ao divino quando, por exemplo, o personagem O Ateniense afirma que “para vantagem da exposição, vejamos o que é educação, por ser esse o caminho que terá de seguir nosso estudo, a fim de chegarmos até ao deus do vinho – *theon apiketai*”. Mas, tal associação, não se distancia do fato de que a proposta de Platão, assim a concebemos, é a de que a *paideia* se constitui pelo *logos*, isto é, a condução da vida humana se dá pelo *logos*.

Recuperemos a nossa questão inicial, qual seja: a análise das práticas esportivas em Platão, representada pelo equilíbrio entre corpo e alma e objetivando o alcance da beleza e da excelência. Defenderemos que a qualidade de *agathos* virá com a *arete* completa, e não apenas com uma parte dela, e a ginástica será tão somente um aspecto da *paideia* global do cidadão, tutelada pela razão. Podemos dizer, na *República*, que o tipo humano ideal é o filósofo, cuja formação vislumbra ao conhecimento do bem. No programa de estudos capaz de propiciar-lhe este conhecimento, a ginástica, profilaxia da feiúra física e forma de preservação da saúde, não deve levar à configuração de corpos musculosos, mas vazios de razão, isto é, tipos pesados e embrutecidos²⁸. Na *República* (III, 410d) fica bem nítido que “os que praticam exclusivamente a ginástica acabam por ficar mais grosseiros do que convém, e os que se dedicam apenas a música tornam-se mais moles do que lhes ficam bem”. E a *polis*, conforme sabemos, prima pelo equilíbrio e pela justa-medida, inclusive nos corpos rígidos dos seus cidadãos. Cabe aos atletas, almejarem corpos bem constituídos e atingirem a beleza dos gestos.

Discutindo mais especificamente a questão da música, Platão, nas *Leis* (II, 655b), destaca que “são belos todos os gestos próprios para dar expressão à virtude – *arete* – da alma – *psyche* – ou à do corpo – *soma* – ou a qualquer de suas imagens, e precisamente o contrário disso as que dão expressão ao vício”. Na *República* (III, 401d), a educação pela música é exaltada porque propicia à alma o ritmo e a harmonia. Certamente a ideia da beleza dos gestos como virtude da alma se adéqua também à ginástica. Da mesma forma que a prática esportiva está aliada à música no condizente ao ritmo e à harmonia dos movimentos corporais.

Elencando algumas espécies de bens, Platão, também na *República* (II, 357c) ressalta como a terceira espécie a ginástica e o tratamento das doenças. Na mesma obra (III, 404a) há uma discussão acerca de uma dieta apurada para os atletas guerreiros, “...que têm que estar sempre vigilantes, como cães, e porque precisam de ver e ouvir com toda acuidade...”.

²⁷ Annas 2012: 63.

²⁸ Barros 1996: 37 e 39.

No que diz respeito à formação do cidadão mais especificamente, Platão, nas *Leis*, prescreve a ginástica educativa, enfatizando exercícios que, voltados para a guerra, garantem a defesa da *polis*. É bastante evidente que a *politeia* das *Leis* é a única capaz de combinar a *paideia* e os jogos militares – *paidian polemiken*. Quanto às competições de ginástica – *agonon ton gymnikon* –, não será oportuno lembrar que é preciso praticar todas as que preparam para a guerra – *polemon*²⁹. O filósofo afirma ainda que a “ginástica conveniente é simples, e acima de tudo a dos guerreiros”³⁰. Inclusive, as mulheres também não devem descuidar-se dos exercícios da guerra³¹.

Vale enfatizar que mais do que objetivos militares, o ideal de uma excelência atlética expressava o sistema de valores essencialmente competitivo dos helenos³². O espírito agonístico é, segundo Mark Golden, uma característica bastante presente na sociedade grega³³. Diferente dos combates guerreiros, a violência e a rivalidade aparecem dentro do esporte sob a forma de jogos, concursos, competições mais ou menos ritualizadas³⁴. Platão enfatiza que “importa, pois, encher a vida com certa espécie de jogos: sacrifícios, cantos, danças para podermos obter da parte dos deuses a graça de repelir os inimigos e alcançar a vitória nos combates”³⁵.

Quanto às modalidades esportivas, nos livros da *República* aos quais nos dedicamos, não há uma enumeração. Fala-se em ginástica de forma mais genérica. Dentre as várias passagens, podemos citar: “... a ginástica para o corpo e a música para a alma? (II, 376e); “Pois é isso que dizia, que se deve começar pela música, antes da ginástica (II, 377a); “Depois da música, é na ginástica que se devem educar os jovens” (II, 403c). Já nas *Leis* percebemos a menção à modalidades esportivas específicas, como o pancrácio – tida entre os helenos como a modalidade esportiva mais violenta, conjugando pugilato e luta –, a corrida, a luta, o pugilato e o hipismo, a mais aristocrática das modalidades.

Apesar da menção às modalidades não hípicas serem mais frequentes e concebidas por vários especialistas como sendo mais democráticas, pois permitiriam um acesso maior e mais diversificado às suas práticas, não percebemos a menção ao discóbolo, o ícone da democracia ateniense, tanto pelo círculo representado pelo próprio disco, quanto pelos movimentos circulares do seu corpo. Defendemos em trabalho anterior que a *polis* e a forma de governo democrática se sintetizam nas formas circulares e/ou semi-circulares, como o teatro e a *pnux*,

²⁹ Platão *Leis*. VIII, 832d-e.

³⁰ Platão *A República*. III, 404b.

³¹ Platão *Leis*. VII, 814c.

³² Jones 1997: 77.

³³ Golden 1998: 28.

³⁴ Vanoyeke 1992: 15.

³⁵ Platão. *Leis*. VII, 803c.

por exemplo. O círculo é a forma geométrica que possibilita a concretização da ação pública do cidadão³⁶. O próprio Platão, na *República* (IV, 424a), afirma que “... a república, uma vez que esteja bem lançada, irá alargando como um círculo”.

A prática da ginástica e a música apareciam constantemente associadas, isto porque “eram ingredientes reconhecidos pela *polis* para a formação do cidadão como modelo de homem”³⁷. Platão associa a música ao benefício da alma e a ginástica ao corpo, subdividindo esta última em dança e luta³⁸, enfatizando que “a simplicidade na música gera a temperança na alma, e a ginástica, a saúde no corpo”³⁹. Giovanni Reale chama a atenção para o fato de que Platão parece ter mais estima pela ginástica como cura do corpo do que pela medicina⁴⁰. Aristóteles, além de enfatizar a importância do aprendizado da música na formação do cidadão, chama a atenção para o fato de que este estudo “... não deve constituir um obstáculo às atividades subsequentes, nem amesquinhar o corpo ou inutilizá-lo para as ocupações marciais e cívicas do cidadão, ...”⁴¹.

A ginástica, que entre os helenos era um verdadeiro sistema de educação⁴², era entendida sempre como uma prática que contribuía para a *andreia* do cidadão⁴³. Conforme atesta Maurice Sartre, o esporte em geral e a participação nas competições – *agones* –, em particular, oferecem uma oportunidade dos homens manifestarem uma forma menos guerreira de *andreia*, evidenciando a beleza dos corpos nus masculinos e as qualidades éticas do vencedor⁴⁴. O desejo de vitória aliado à temperança conferia energia à alma dos atletas. Em prol desse objetivo, Platão, nas *Leis* (VIII, 840a), menciona, usando o exemplo de Icos de Tarento, atleta vencedor nos jogos em Olímpia, o comportamento adotado pelo atleta, que implicava na abstinência de relações com mulheres e adolescentes.

Assim como os concursos musicais, as competições de ginástica funcionavam também como demonstração, perante os cidadãos adultos, das capacidades adquiridas pelos jovens. No plano das idealizações, nos jogos os concorrentes poderiam pertencer a todos os grupos sociais; já na prática, sabemos que o desporto não se constituía de fato em um componente habitual das atividades de todos os jovens⁴⁵. Neste aspecto, convém destacarmos que a participação nos jogos pressupunha, tanto na *polis* das *Leis* (VIII, 833c) quanto nas *poleis* concretas, a competição entre indivíduos de um mesmo grupo etário, isto é, meninos,

³⁶ Lessa 2005: 65.

³⁷ Cambiano 1994: 93; Lessa 2002: 51.

³⁸ Platão *Leis*. VII, 795 d-e.

³⁹ Platão *A República*. III, 405a.

⁴⁰ Reale 2002: 194.

⁴¹ Aristóteles *Política*. VIII, 1341 a, 6-9.

⁴² Coulet 1996: 80.

⁴³ Aristóteles *Política*. VIII, 1337 b, 28

⁴⁴ Sartre 2013: 46.

⁴⁵ Cambiano 1994: 89.

jovens imberbes e homens adultos, além da *skole*, o tempo livre para se dedicarem aos treinos físicos. Vale destacar que estamos refletindo acerca de práticas que se restringiam a um grupo específico da *polis*: os *kaloí kagathoi*.

Para Platão, assim como também para Aristóteles, a *polis* deve reservar uma atenção especial para a questão da formação física de seus cidadãos, que se inicia na infância⁴⁶, até porque acredita-se que os jovens e as crianças possuem alma plasmável; ou seja, é na infância que se deve imprimir o modelo que se deseja⁴⁷. Se referindo ao mundo contemporâneo, o antropólogo social José Carlos Rodrigues observa que “... uma sociedade não pode sobreviver sem fixar no físico de suas crianças algumas similitudes essenciais que as identifiquem e possibilitem a comunicação entre elas”⁴⁸. Certamente tal observação também é válida para o mundo antigo grego. Neste sentido, Aristóteles na *Política* (VIII, 1337a, 1-4) argumenta tal necessidade afirmando que a negligência das *poleis* a respeito da *paideia* é nociva aos governos – *tas politeias*. O que implica em reafirmar que as *poleis* não devem, segundo Platão, ignorar a importância dos jogos no âmbito da legislação, até mesmo porque as competições apresentam vantagens tanto na paz quanto na guerra⁴⁹. Elas, acima de tudo, proporcionam a coesão do corpo cívico, devendo ser organizadas levando-se em consideração a conveniência das próprias divindades, pois trata-se de um festival também religioso, e as estações do ano⁵⁰.

Ao falarmos de corpo cívico, convém nos indagarmos acerca de que tipo de cidadãos se pretende formar na *polis* das *Leis* (VIII, 830a). O filósofo enfatiza que: “Atletas – *athletas* –, porventura, para as grandes competições – *megiston agonon* –, capazes de enfrentar milhares de antagonistas”. Com vistas à instrução dos cidadãos, Platão menciona, nas *Leis* (VI, 764c-d), a necessidade de se instituir os inspetores de música e de ginástica, o *paidotribes*. Tanto nas *Leis* quanto na *República*, o adulto é parte fundamental no processo de consolidação da *paideia*, pois o *logos* depende da atuação do educador ou dos pais para a sua transmissão. Luisa Buarque de Holanda concebe o adulto como parte ativa da relação pedagógica, pois caberá a ele *imprimir o molde* na criança⁵¹. Podemos sintetizar a questão afirmando que o objetivo da *paideia* em Platão consiste em conduzir a criança ao conhecimento do bem em si mesmo⁵².

E o atleta-cidadão é essencialmente ágil, o que é útil tanto para as práticas esportivas quanto para as militares. A preocupação com a importância da agilidade esteve pautada nos diálogos que compõem as *Leis*. O personagem O

⁴⁶ Platão *A República*. III, 403c.

⁴⁷ Holanda 2013: 69.

⁴⁸ Rodrigues 1975: 45.

⁴⁹ Platão *Leis*. VII, 796d, 797a-b.

⁵⁰ Platão *Leis*. VIII, 828c.

⁵¹ Holanda 2013: 70. Ver: Jaeger 2001: 1318.

⁵² Wood 2011: 103.

Ateniense destaca que, de início, será vantajoso organizar as competições de carreira e de velocidade, afirmando que (VIII, 832e-833a):

“Sem dúvida alguma, a agilidade é o que há de mais vantajoso para a guerra, tanto a dos pés como a das mãos; a dos pés, para fugir ou para alcançar alguém; a outra, nos combates corpo a corpo, em que exige força e resistência.”

A ênfase na agilidade dos pés e das mãos, no âmbito da ginástica, revela um direcionamento para as modalidades: da corrida, com ou sem armas⁵³, que requer agilidade dos pés; da luta⁵⁴, do pancrácio e do pugilato⁵⁵ que exigem uma maior agilidade das mãos.

É inegável que o que sobressai na *República* e nas *Leis* de Platão é a discussão dialética sobre a *paideia* grega, intermediada pelo *logos* e permeada pela relação intrínseca entre corpo e alma. E neste aspecto as práticas esportivas adquirem um espaço considerável nas suas reflexões acerca das suas propostas de Estado, que ressaltamos se identifica com a aristocracia. O filósofo ateniense apresenta a alma como uma natureza intermediária, entre o sensível e o inteligível, participando da primeira pelo corpo e da segunda pela razão⁵⁶, sendo muitas vezes concebida como superior ao corpo e como o seu princípio organizador⁵⁷.

As práticas esportivas associadas à música almejam a justa-medida e a harmonia entre o corpo e a alma, expressando a própria dinâmica da *polis*. Nada mais propício do que concluirmos com a própria fala de Platão acerca desta questão: “As pessoas mais temperáveis e seguras são as que mantêm a justa-medida; pois se com aquelas qualidades a alma se torna vaidosa e petulante, com as outras fica servil e baixa”⁵⁸. E à *polis* não interessa cidadãos frágeis e subservientes; mas aqueles que pelo *logos* interajam com o conjunto da *koinonia politike*, a mantendo coesa na sua diversidade. E a *paideia* adquire nos discursos platônicos o caráter norteador da própria ideia de vida em comunidade.

⁵³ Ver: Platão. *Leis*. VIII, 833a-b.

⁵⁴ A luta que deve ser praticada pelo menos uma vez por mês em cada *polis* e se constitui no movimento que mais se aproxima dos verificados nos combates sangrentos (Platão. *Leis*. VII, 814c; VIII, 829b).

⁵⁵ Modalidade que, por sua técnica, não apresenta utilidade para a guerra (Platão. *Leis*. VII, 796a).

⁵⁶ Chauí 2002: 291.

⁵⁷ Annas 2012: 80.

⁵⁸ Platão *Leis*. V, 728e.

BIBLIOGRAFIA

- Agamben, G. (2002), *L'Aperto. L'uomo e l'animale*, Torino, trad. port. *O Aberto. O homem e o animal*, Lisboa.
- Alican, Necip F. (2012), *Rethinking Plato: A Cartesian Quest for the Real Plato*, Amsterdam – New York.
- Annas, J. (2012), *Platão*, Porto Alegre.
- Aristotle (1990), *Politics*, Trad. H. Rackham, Cambridge.
- Arnett, J. J. (2004), *Emerging Adulthood: The Winding Road from the Late Teens through the Twenties*, Oxford.
- Ávila, A. (2009), “Posfácio”, in Nunes, B., *O dorso do tigre*. São Paulo.
- Azevedo, M. T. S. (2010), “Introdução”, in *Platão. O banquete*, tradução M. T. S. de Azevedo, Lisboa.
- Bailly, A. (2000), *Dictionnaire Grec-Français*, Paris.
- Bambrough, J. (1956), “Plato’s Political Analogies”, in P. Laslett (ed.), *Philosophy, Politics and Society*, Oxford, 98-115; in J. Bambrough (ed.) (1967), *Plato, Popper and Politics – Some Contributions to a Modern Controversy*, Cambridge, 152-169.
- Barra, G. (1966), “La questione dell’autenticità del “De Platone et eius dogmate” e del “De mundo” di Apuleio”, *Rendiconti della Accad. di Archeologia, Lettere e Belle Arti, Napoli* 41: 127-188.
- Barros, G (1996), *As Olimpíadas na Grécia Antiga*, São Paulo.
- Beierwaltes, W. (1966/67), “Εξάφνης oder die Paradoxie des Augenblicks,” *PhJ* lxxiv: 271-282.
- Beierwaltes, W. (2001, 2. korrigierte Auflage), “Dionysios Areopagites – ein christlicher Proklos?“, in *Platonismus im Christentum*, Frankfurt am Main, 44-84.
- Bellini, E. (2010), “Saggio introduttivo”, in P. Scazzoso (trad.), *Dionigi Areopagita. Tutte le opere*, Milano, 31-73.
- Benjamin, W. (1984), *Origem do drama barroco alemão*, tradução S. P. Rouanet, São Paulo.
- Bernabé, A. (1995), “Una etimología platónica: soma-sema”, *Philologus* 139: 204-237.
- Bernadete, S. (2000), *On Plato’s Symposium*, in *The argument of the action: essays on Greek poetry and philosophy*, Chicago.
- Bernadete, S. (2000), *Plato’s “Laws”: The Discovery of Being*, Chicago and London.
- Beutler, R. (1939) “Olympiodoros” (13), *RE* 18.1: 207-228.

- Blanc, M. F. (2002), “Henologia e Constituição Espiritual do Princípio”, *Philosophica* 19/20: 311-342.
- Boas, G. (1948), “Fact and Legend in the Biography of Plato”, *PhR* 57.5: 439-457.
- Boulenger, F. 1935 = *Basil. Aux jeunes gens sur la manière de tirer profit des lettres helléniques*. Texte établi et traduit par l’abbé Fernand Boulenger. Paris, Société d’édition “Les Belles Lettres”, 1935.
- Bowe, P. (2011), “Civic and other Public Planting in ancient Greece”, *Studies in the History of Gardens & Designed Landscapes: An International Quarterly* 31.4: 269-285.
- Boyancé, P. (1972), *Le culte des muses chez les philosophes grecs : études d’histoire et de psychologie religieuses*, E. de Boccard, Paris.
- Brisson, L. (1992), “Diogène Laërce, Vies et doctrines des philosophes illustres, Le livre III”, *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* II, 36, 5: 3624.
- Brisson, L. (2000), “La lettre VII de Platon, une autobiographie?”, in L. Brisson, *Lectures de Platon*, Paris.
- Brisson, L., Pradeau, J.-F. (2003), *Platon. Le Politique*, Paris.
- Burges, G. (Ed.) (1876), “Apuleius. De Platone”, in *Plato. The Works of Plato*, vol. VI. London.
- Burnet, J. (1907), *Platonis Opera. Tomus V, tetralogiam IX, Definitiones et spuria continens*. Oxford.
- Burnet, J. (1914), *Greek Philosophy. Part I, Thales to Plato*, Macmillan, London.
- Cacciari, M. (1994), *Geofilosofia dell’Europa*, Adelphi, Milão.
- Cambiano, G. (1994), “Tornar-se Homem”, in J.P. Vernant (dir.), *O Homem Grego*, Lisboa.
- Caruso, A. (2013), *Akademia. Archeologia di una scuola filosofica ad Atena da Platone a Proclo (387aC – 485dC)*, Scuola Archeologica Italiana di Atene. Pandemos, Atene-Paestum.
- Carvalho, M. (2007), *Imagem e dissolução: entre as Investigações e Da certeza*, Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.
- Carvalho, M. S. (1996), “Pseudo-Dionísio Areopagita. Teologia Mística. Versão do grego e estudo complementar”, *Mediævalia* 10: 1-125.
- Casadesús, F. (2008), “Orfeo y el orfismo en Platón”, in A. Bernabé y F. Casadesús (eds.), *Orfeo y la tradición órfica*, Madrid, 1239-1279.
- Castro, T. N. (2014), *O pensamento estético de Pseudo-Dionísio Areopagita em Dos Nomes Divinos IV, 7. Subsídios para um estudo e tradução*. Lisboa.

- Cavell, S. (1999). *The Claim of Reason: Wittgenstein, Skepticism, Morality, and Tragedy*, Oxford University Press, New York.
- Chantraine, P. (2009), *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque – Histoire des Mots*, Paris.
- Chauí, M (2002), *Introdução à História da Filosofia: Dos Pré-Socráticos a Aristóteles*, São Paulo.
- Cherniss, H. (1945), *The Riddle of the Early Academy*, University of California Press, Berkeley.
- Clark, R. B. (2000) “Platonic Love in a Colorado Courtroom: Martha Nussbaum, John Finnis, and Plato’s Laws in *Evans v. Romer*”, *Yale Journal of Law & the Humanities* 12.1: art. 1 [disponível em <<http://digitalcommons.law.yale.edu/yjhl/vol12/iss1/1>>].
- Colli, G. (2007), *Platone político*, Milano.
- Cornelli, G. (2011), *O pitagorismo como categoria historiográfica*, Annablume Classica/Classica Digitalia, São Paulo/Coimbra.
- Cornford, F. M. (1969), *Plato and Parmenides*, London.
- Corsini, E. (1962), *Il trattato De Divinis Nominibus dello Pseudo-Dionigi e i commenti neoplatonici al Parmenide*, Torino.
- Costa, G. G. (2013), “A escrita filosófica e o drama do conhecimento em Platão”, *Archai* 11 (jul-dez 2013), 33-46.
- Coulet, C (1996), *Communiquer em Grèce Ancienne*, Paris.
- Coutinho, E. F. (2013), *Grande sertão: veredas*, Travessias, São Paulo.
- Cuchet, V.S. (2011), *100 fiches d’histoire grecque*, Paris.
- Deane, Ph. (1973), “Stylometrics do not exclude the seventh letter”, *Mind* 82: 113-117.
- des Places, É. (1975, 3ª ed.), *Platon. Oeuvres Complètes, Tome XI [II]: Les Lois, Livres III-VI* (edição, tradução e notas), Paris.
- des Places, É. (1976, 3ª ed.), *Platon. Oeuvres Complètes, Tome XI [I]: Les Lois, Livres I-II* (edição, tradução e notas), Paris.
- Diès, A. (1956), *Platon. Oeuvres Complètes, Tome XII [II]: Les Lois, Livres XI-XII* (edição, tradução e notas) + *Epinomis* (edição, tradução e notas de É. des Places), Paris.
- Diès, A. (1976, 2ª ed.), *Platon. Oeuvres Complètes, Tome XII [I]: Les Lois, Livres VII-X* (edição, tradução e notas), Paris.
- Dillon, J. (2003), *The Heirs of Plato: A Study of the Old Academy (347-274 BC)*, Oxford University Press, Oxford.
- Diogenes Laertius = Dorandi, T. (ed.)(2013), *Lives of eminent philosophers*, Cambridge University Press, Cambridge.

- Dixsaut 1991 = *Platon. Phédon*. Traduction nouvelle, introduction et notes de Monique Dixsaut. Paris: Flammarion, 1991.
- Dodds, E. R. (1928), "The *Parmenides* of Plato and the Origin of the Neoplatonic 'One'", *CQ* 22.3/4: 129-142.
- Dodds, E. R. (1963, 2nd ed.), "The Unknown God in Neoplatonism", in E. R. Dodds (ed.), *Proclus. The Elements of Theology*, Oxford, 310-313.
- Duke, E. A., Hicken, W. F., Nicoll, W. S. M., Robinson, D. B., Strachan, J. C. G. (eds.) (1995), *Platonis Opera. Tomus I. Euthyphro, Apologia, Crito, Phaedo, Cratylus, Theaetetus, Sophista, Politikon*. Oxford.
- Düring, I. (1957), *Aristotle in the Ancient Biographical Tradition*, Elanders, Göteborg.
- Eyben, E. (1996), 'Children in Plutarch', in L. Van der Stockt (ed.), *A Miscellany of Plutarchea Lovaniensia. Essays on Plutarch, Studia Hellenistica* 20, Lovanii, 79-112.
- Ferrari, F. (2012), "Tra metafisica e oralità. Il Platone di Tubinga", in A. Neschke-Hentschke, M. Erler (Hgg.) *Argumenta in dialogos Platonis. Teil 2: Platoninterpretation und ihre Hermeneutik vom 19. bis zum 21. Jahrhundert*, Basel, Swabe, 361-392.
- Ferrari, G. R. F. (1987), *Listening to the Cicadas: A study of Plato's Phaedrus*, Cambridge.
- Ferrari, G. R. F. (1992), "Platonic love", in R. Kraut, *The Cambridge companion to Plato*, Cambridge.
- Ferreira, J. R. (2009), "Introdução", in *Platão. Fedro*, Lisboa.
- Festugière, A.-J. (1969), "L'Ordre de lecture des dialogues de Platon aux V^e/VI^e siècles," *MH* 26: 281-96.
- Festugière, A.-J. (1981), *La Révélation d'Hermès Trismégiste. IV. Le dieu inconnu et la gnose*, Paris.
- Feyerabend, P. (2001), *Diálogos sobre o Conhecimento*, Perspectiva, São Paulo.
- Field, G. C. (1930), *Plato and His Contemporaries*, E. P. Dutton & Co, New York.
- France, Y. (1995), "Métrétique, mathématique et dialectique en Politique 283 c-285 c", in C. J. Rowe (ed.), *Reading the Statesman. Proceedings of the III Symposium Platonicum. International Plato Studies 4*, Sankt Augustin, Akademie Verlag, 89-101.
- Friedländer, P. (1958), *Plato I: An Introduction*, New York.
- Friedländer, P. (1969), *Plato [III]. The dialogues: second and third periods*, Princeton.
- Gagnebin, J.-M. (2006), *Lembrar escrever esquecer*, Ed. 34, São Paulo.
- Gersh, S. (1978), *From Iamblichus to Eriugena: An Investigation of the Prehistory*

and Evolution of the Pseudo-Dionysian Tradition, Leiden.

- Giannantoni, G. (Cura di) (1986), *Diogene Laerzio storico del pensiero antico*, Elenchos 7, Napoli.
- Gigante, M. (Cura di) (1991), *Diogene Laerzio. Vite dei Filosofi*, Roma-Bari.
- Glucker, J. (1978) *Antiochus and the Late Academy*. Goettingen, Vanderhoeck & Ruprecht.
- Golden, M. (1990), *Children and Childhood in Classical Athens*, Baltimore and London.
- Golden, M. (1998), *Sport and Society in Ancient Greece*, Cambridge.
- Golitzin, A. (1994), *Et introibo ad altare Dei: The Mystagogy of Dionysius Areopagita*, Thessalonica.
- Golitzin, A. (2001), "Revisiting the 'Sudden': Epistle III in the *Corpus Dionysiaca*", *Studia Patristica* 37: 125-153.
- Golitzin, A. (2013), *Mystagogy: A Monastic Reading of Dionysius Areopagita*, Collegeville.
- Gomperz, T. (2000), *Pensadores Griegos*, t.II. Trad. C.G. Korner, J.R. Bumantel, Pedro von Haselberg, E. Prieto, Barcelona.
- Greene, W. Ch. (1938), *Scholia Platonica*, Haverford, Pennsylvania.
- Guthrie, W.K.C (1975), *A history of Greek Philosophy. Vol. 4: Plato, the Man and his Dialogues: earlier Period*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Guthrie, W.K.C (1978), *A History of Greek philosophy. Vol. 5: The Later Plato and the Academy*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Guthrie, W.K.C. (1975), *A History of Greek Philosophy, v.IV*, Univ. Press, Cambridge.
- Haarscher, G. (1987), *Philosophie des Droits de l'Homme, Bruxelles, trad. port. A Filosofia dos Direitos do Homem*, Lisboa (1997).
- Hackforth, R. (1952), *Plato's Phaedrus, Translated with Introduction and Commentary*, Cambridge.
- Hadot, P. (1968), *Porphyre et Victorinus, I*, Paris.
- Harlow, M., Laurence, R. (2002), *Growing up and Growing old in Ancient Rome. A life approach*, London and New York.
- Hathaway, R. F. (1969), *Hierarchy and the Definition of Order in the Letters of Pseudo-Dionysius. A Study in the Form and meaning of the Pseudo-Dionysian Writings*, The Hague.
- Havlíček, A. & Karfík, F. (ed.) (2005), *Plato's Parmenides. Proceedings of the Fourth Symposium Platonicum Pragense*, Prague.
- Heil, G. & Ritter, A. M. (hrsg.) (1991), *Pseudo-Dionysius Areopagita. Corpus Dionysiaca I. De Coelesti Hierarchia. De Ecclesiastica Hierarchia. De Mystica Theologia. Epistulae*, Berlin.

- Heinze, R. (1965, 2ª ed.), *Xenokrates*, Heildesheim.
- Hicks, R.D. (Ed.) (1925), *Diogenes Laertius. Lives of Eminent Philosophers*, I- II, Cambridge- London.
- Hoernlé, R. (1938), “Would Plato have Approved of the National-Socialist State?”, *Philosophy* 13, 166-182; in J. Bambrough (ed.) (1967), *Plato, Popper and Politics – Some Contributions to a Modern Controversy*, Cambridge, 20-36.
- Holanda, L.S.B. (2013), “Mímesis e Utopia na República de Platão”, *Kleos: Revista de Filosofia Antiga* 16 e 17: 69-80.
- Isnardi Parente 1997 = *Testimonia platonica: per una raccolta dei principali passi della tradizione indiretta riguardante i legòmena angrafa dogmata : le testimonianze di Aristotele. A cura di Isnardi Parente, Margherita*. Roma, Accademia nazionale dei Lincei.
- Isnardi-Parente, M. (1980), *Speusippo, Edizione, traduzione e commento a cura di*. Bibliópolis, Napoli.
- Jackson, R., Lycos, K., Tarrant, H. (Ed.) (1998), *Olympiodorus Commentary on Plato's Gorgias*, Translated with full notes. Introd. Harold. Tarrant. (Philosophia Antiqua. 78), Leiden.
- Jaeger, W. (1923), *Aristoteles. Grundlinien einer Geschichte seiner Entwicklung*, Berlin.
- Jaeger, W. (2001), *Paidéia: A Formação do Homem Grego*, São Paulo.
- Jones, P.V. (2007), *O Mundo de Atenas*, São Paulo.
- Gaiser, K. (1980), “Plato's Enigmatic Lecture 'On the Good', *Phronesis* 25: 5-37.
- Kaibel, G. 1887 = *Athenaei Naucraticae Deipnosophistarum Libri xv. 3 vols*. Ed. Kaibel, G. In aedibus E. B. Teubneri, 1887.
- Koselleck, R. (1992), “Uma história dos conceitos”, *Estudos Históricos* 10: 134-146.
- Kraemer, H. J. (1959), *Arete bei Platon und Aristoteles : zum Wesen und zur Geschichte der platonischen Ontologie*, C. Winter, Heidelberg.
- Kraemer, H. J. (1964), “Retraktationen zum Problem des esoterischen Plato”, *Museum Helveticum* 21, 137-166, 1-2:1887; 3:1890, Repr. 1-2:1965; 3:1966.
- Kyle, D.G. (2007), *Sport and Spectacle in the Ancient World*, Malden/Oxford.
- Leão, D.F., Ferreira, J.R., Fialho, M.C. (2010), *Cidadania e Paideia na Grécia Antiga*, Coimbra.
- Leão, D., Cornelli, G., Peixoto, M. (Orgs.) (2013), *Dos homens e suas ideias: estudos sobre as “Vidas” de Diógenes Laércio*, Coimbra.
- Ledger, G. R. (1989), *Re-counting Plato: a Computer Analysis of Plato's Style*, Oxford.

- Lespinas, A. (2004), *Douze Siècles de Jeux à Olympie: De 776 avant J.-C à après J.-C.*, Paris.
- Lessa, F.S. (2003), “Corpo e cidadania em Atenas Clássica”, in N. Theml, R.M.C Bustamante, F.S. Lessa, (org.), *Olhares do Corpo*, Rio de Janeiro, 48-55.
- Lessa, F.S. (2005), “Atividades esportivas nas imagens áticas”, *Phoinix* 11: 57-70.
- Lessa, F.S. (2008), “Esporte na Grécia Antiga: Um balanço conceitual e historiográfico”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 439: 85-99.
- Levison, M., Morton, A. Q., Winspear, A. D. (1968), “The Seventh Letter of Plato”, *Mind* 77 N.S.:307: 309-325.
- Levison, S. C. (1983), *Pragmatics*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Lilla, S. (1982), “Introduzione allo studio dello ps. Dionigi l’Areopagita”, *Augustinianum* 22: 533-54.
- Lilla, S. (1997), “Pseudo-Denys l’Aréopagite, Porphyre, et Damascius”, in Y. de Andia (ed.), *Denys l’Aréopagite et sa postérité en Orient et en Occident*, Paris, 117-152.
- Lilla, S. (2005), *Dionigi l’Areopagita e il platonismo cristiano*, Brescia.
- Luna, C., Segonds, A.-P. (ed.)(2007), *Proclus, Commentaire sur le Parménide de Platon*. Tome I. 1^{er} partie. Introduction générale, Paris.
- Lynch, J. P. (1972), *Aristotle’s School: A Study of a Greek Educational Institution*, University of California Press, Berkeley.
- Maire, G. (1966), *Platon*, France, trad. port. Platão, Lisboa (2002).
- Marques, M. (2009), “A dignidade humana como prius axiomático”, in *Estudos em Homenagem ao Prof. Doutor Jorge de Figueiredo Dias, vol. IV*, Coimbra, 541-567.
- Marrou, H.-I. (1990), *História da Educação na Antiguidade*, São Paulo.
- Martin, G. (1973), *Platons Ideenlehre*, New York-Berlin.
- McCabe, M. M. (2011), “A forma e os diálogos platônicos”, in H. Benson, *Platão Artmed*, Porto Alegre, 52-65.
- Mekler, S. (1902), *Academicorum philosophorum Index Herculaneensis*, Berlin.
- Mesyats, S. (2012), “Iamblichus’ Exegesis of Parmenides’ Hypotheses and His Doctrine of Divine Henads”, in E. Afonasin, J. Dillon & J. F. Finamore (eds.), *Iamblichus and the Foundations of Late Platonism*, Leiden.
- Miller, M. (2004), *The Philosopher in Plato’s Statesman. Together with Dialectical Education and Unwritten Teachings in Plato’s Statesman*, Las Vegas.
- Milton, J. (1644), *Areopagitica; A Speech of Mr. John Milton For the Liberty of Unlicenc’d Printing, To the Parliament of England, London*; trad. port. *Areopagítica: discurso sobre a liberdade de expressão*, Coimbra (2009).

- Moncada, L. (1948), “Platão e o «Estado de Direito»”, *Boletim da Faculdade de Direito – Universidade de Coimbra XXXIII*; in *Estudos de Filosofia do Direito e do Estado*, vol. II, Lisboa (2004), 235-240.
- Monserrat Molas, J. (1999), *El polític de Plató. La gràcia de la mesura*, Barcelona.
- Monserrat Molas, J. (2003) “La mesure comme principe constitutive du Politique de Platon”, *Revue de philosophie ancienne* 21: 3-22.
- Moreschini, C. (1978), *Apuleio e il Platonismo*, Acc. Toscana di Scienze e Lettera, Firenze.
- Morrow, G. R., Dillon, J. M. (trans.)(1987), *Proclus' Commentary on Plato's Parmenides*, New Jersey.
- Morrow, G. R. (1960), *Plato's Cretan city. A historical interpretation of the Laws*, Princeton.
- Morrow, R. (1976), *Plato's Law of Slavery in its relation to Greek law*, New York.
- Mortley, R. (1986), *From Word to Silence. II. The way of negation*. Christian and Greek, Bonn.
- Mossé, Cl. (2004), *Dicionário da Civilização Grega*, Rio de Janeiro.
- Most, G. (1993) “A Cock for Asclepius”, *The Classical Quarterly* 43.1: 96-111.
- Motta, N. (2013). “Aristófanes: Nuvens”, *Cadernos de Tradução* 32, jan-jun:1-98.
- Nietzsche, F. (1999), *O caso Wagner: um problema para músicos / Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*, tradução P. C. de Souza, São Paulo.
- Notopoulos, J. A. (1940), “*Porphyry's Life of Plato*”, *CPh* 35.3: 284-293.
- Nunes, B. (2009), “O amor na obra de Guimarães Rosa”, in *O dorso do tigre*, São Paulo.
- Nussbaum, M. (2001), *The fragility of goodness: luck and ethics in Greek tragedy and philosophy*, Cambridge.
- O'Brien, D. (2006), “Life beyond the Stars: Aristotle, Plato and Empedocles”, en R. A. H. King (ed.), *Common to Body and Soul. Philosophical Approaches to Explaining Living Behaviour in Greco-Roman Antiquity*, Berlin, 49-102.
- Pangle, Th. L. (1988), *The Laws of Plato* (tradução, notas e estudo), Chicago/London.
- Parente, I. M. (2012), *Senocrate e Ermodoro. Testimonianze e frammenti*, Pisa.
- Penedos, Á. (1977), *O Pensamento Político de Platão – Volume I: Da Apologia de Sócrates ao Ménon*, Porto.
- Perl, E. (2010), “Pseudo-Dionysius the Areopagite”, in L. P. Gerson (ed.), *The Cambridge History of Philosophy in Late Antiquity, II*, Cambridge, 767-787.
- Platão (1980), “Leis”, in *Diálogos*. Trad. C.A. Nunes, Belém.
- Platão (1984), *The Laws*, Trad. R.G. Bury, London.

- Platão (1993), *A República*, Trad. M. H. da Rocha Pereira, Lisboa.
- Platão (2004), *Leis – Vol. I (Livros I-III)*, trad. de Gomes, C., Lisboa.
- Platão (2008 11ª ed.), *A República*, trad. de M. H. Rocha Pereira, Lisboa.
- Platão, *Laws – Vol. I (Books I-VI) and II (Books VII-XII)*, trad. de Bury, R. (1926), London [reed. 1961 (Vol. I.) e 1976 (Vol. II)].
- Platão (1980), *Lísis*, tradução F. de Oliveira, Coimbra.
- Platão (2009), *Fedro*, tradução J. R. Ferreira, Lisboa.
- Platão (2010), *O Banquete*, tradução M. T. S. de Azevedo, Lisboa.
- Platthy, J. (1990), *Plato: A Critical biography*, Santa Claus, IN.
- Plutarco (1990), *Le vite di Cimone e Lucullo*. A cura di Carlo Carena, Mario Manfredini e Luigi Piccirilli, Fondazione Lorenzo Valla, Milano, Mondadori.
- Popper, K. (1945), *The Open Society and its Enemies – Volume I: The Spell of Plato*, London.
- Rawson, B. (2003), *Children and Childhood in Roman Italy*, Oxford.
- Reale, G. (2002), *Corpo, Alma e Saúde: O conceito de homem de Homero a Platão*, São Paulo.
- Reale, G. (2010), “Il *Corpus Dionysiacum* e i grandi problem che suscita per la sua interpretazione”, in P. Scazzoso (trad.), *Dionigi Areopagita. Tutte le opere*, Milano, 9-29.
- Reeve, C. D. E. (2006), “Plato on eros and friendship”, in H. A. Benson, *Companion to Plato*, Oxford.
- Riginos, A. S. (1976), *Platonica: The Anecdotes concerning the Life and Writings of Plato*, Leiden.
- Rist, J. M. (1962), “The Neoplatonic One and Plato’s *Parmenides*”, *TAPhA* 93: 389-401.
- Rodrigues, J.C. (1975), *Tabu do Corpo*, Rio de Janeiro.
- Román, G. F. (2007), “La Carta VII. La autobiografía de Platón y su método”, *Eikasía. Revista de Filosofía* 12 Extraord. I: 163-183.
- Roques, R. (1954), *L’univers dionysien. Structure hiérarchique du monde selon le pseudo-Denys*, Aubier.
- Rosa, G. (1994), “Grande sertão: veredas”, in *Ficção completa*, Rio de Janeiro.
- Rosen, S. (2005), *Plato’s Republic: a study*, Yale University Press, New Haven & Londres.
- Ross, W. D. (1951), *Plato’s Theory of Ideas*, Clarendon Press, Oxford.
- Rowe 1993 = *Plato. Phaedo*, Ed. C.J. Rowe, *Cambridge Greek and Latin Classics*, University Press, Cambridge.

- Rowe, C. J. (1999), *Plato. Statesman, Translated with an introduction*, Indianapolis.
- Rowe, Ch. (2009), “The charioteer and his horses: an example of Platonic myth-making” in C. Pertenie (ed.), *Plato's Myths*, Cambridge.
- Russell, B. (1945), *History of Western Philosophy*, London.
- Russell, B. (1950) “Philosophy and Politics”, in *Unpopular Essays*, London, 9-34; in J. Bambrough (ed.) (1967), *Plato, Popper and Politics – Some Contributions to a Modern Controversy*, Cambridge, 109-134.
- Saffrey H. -D. (1968) “Αγεωμέτρητος μηδεις εσίτω. Une inscription légendaire.”, *Revue des Études Grecques*, 81, fascicule 384-385, Janvier-juin: 67-87.
- Saffrey, H. D., Westerink, L. G. (1968), “L'exégèse des hypothèses du *Parménide*”, in H. D. Saffrey, L. G. Westerink (éd.), *Proclus. Théologie Platonicienne, Livre I*, Paris, lxxv-lxxxix.
- Saffrey, H. D. (1968), “Le Philosophe de Rhodes est-il Théodore d'Asiné? Sur un point obscur de l'histoire de l'exégèse néoplatonicienne du *Parménide*”, in E. Lucchesi, H. D. Saffrey (éd.), *Mémorial André-Jean Festugière: Antiquité païenne et chrétienne*, Genève, 65-76.
- Sanders, L. J. (2008), *The Legend of Dion*, Toronto.
- Sandy, Gerald. (1997), “The Greek World of Apuleius: Apuleius and the Second Sophistic”, *Mnemosyne Supplement* 174: 242-250.
- Santa, G. (2010), *Understanding Plato's Republic*, Malaysia.
- Sartre, M. (2013), “Virilidades gregas”, in A. Corbin, J-J Courtine, G. Vigarello (dir.), *História da Virilidade*, Petrópolis, RJ, 17-70.
- Schäfer, C. (2006), *The Philosophy of Dionysius the Areopagite. An introduction to the structure and the content of the treatise On the divine names*, Leiden.
- Schiappa 2000 = *Platão. Fédon*. Introdução, tradução e notas por Maria Teresa Nogueira Schiappa de Azevedo, Editora da Universidade de Brasília, Brasília.
- Schofield, M. (2000), “Plato and Practical Politics”, in M. Schofield e C. Rowe (ed.), *The Cambridge History of Greek and Roman Political Thought*, Cambridge.
- Schwartz, E. (ed.) (1914), *Acta Conciliorum Oecumenicorum*, Berlin.
- Sheldon-Williams, I. P. (1979), “The pseudo-Dionysius”, in A. H. Armstrong (ed.), *The Cambridge History of Later Greek and Early Medieval Philosophy*, Cambridge, 457-472.
- Sinclair, T.A. (1967), *A History of Greek Political Thought*, London.
- Soares, C. (2008), *Platão. O Político*, Tradução do grego, introdução e notas. Lisboa.
- Soares, C. (2011), *Crianças e Jovens nas Vidas de Plutarco*, Coimbra.
- Sperber, S. F. (2006), “As palavras de chumbo e as palavras aladas”, *Floema*, Ano

- II, 3, jan./jun.: 137-157.
- Steel, C. (ed.) (2009), *Procli. In Platonis Parmenidem Commentaria*, Tomus III, Libros VI-VII et indices continens, Oxonii.
- Strauss, L. (1975), *The argument and the action of Plato's Laws*, Chicago/London.
- Suidae Lexicon = Reimeri, G. (1854), *Suidae Lexicon. Ex recognitione Immanuelis Bekkeri*. Berolini.
- Szondi, P. (2004), *Ensaio sobre o trágico*, tradução P. Süsskind, Rio de Janeiro.
- Tarán, L. (1978) "Speusippus and Aristotle on Homonymy and Synonymy", *Hermes* 106:73-99.
- Taran, L. (1981), *Speusippus of Athens: A Critical Study With a Collection of the Related Texts and Commentary*, Leiden.
- Taylor, A. E. (1960), *Plato : the Man and his Work*, London, Methuen.
- Thom, J. (2013). "The Pythagorean Akousmata and Early Pythagoreanism", in G. Cornelli, R. McKirahan, C. Macris (eds.), *On Pythagoreanism*, De Gruyter, Berlin/Boston, 77-102.
- Trabattoni 2011 = *Platone, Fedone*. A cura di F. Trabattoni. Traduzione di S. Martinelli Tempesta, Torino, Einaudi.
- Trabattoni, F. (2010), *Platão*, tradução R. Quinalia, São Paulo.
- Travlos, J. (1971), *Pictorial Dictionary of Ancient Athens*, Princeton.
- Unger, E. (1949), "Contemporary Anti-Platonism", *The Cambridge Journal*, 643-659; in J. Bambrough (ed.) (1967), *Plato, Popper and Politics – Some Contributions to a Modern Controversy*, Cambridge, 91-107.
- Vanoyeke, V. (1992), *La Naissance des Jeux Olympiques e le Sport dans l'Antiquité*, Paris.
- von Ivánka, E. (1940), "Der Aufbau der Schrift 'De Divinis Nominibus' des Ps.-Dionysius", *Scholastik* 15: 386-99.
- von Ivánka, E. (1964), *Plato Christianus: Übernahme und Umgestaltung des Platonismus durch die Väter*, Einsiedeln.
- Wear, S. K. & Dillon, J. (2007), *Dionysius the Areopagite and the Neoplatonist Tradition. Despoiling the Hellenes*, Hampshire.
- Wear, S. K. (2011), *The Teachings of Syrianus on Plato's Timaeus and Parmenides*, Leiden.
- Westerink, L. G. (Ed.) (1956), *Olympiodorus. Platonis Alcibiadem commentarii. Commentary on the First Alcibiades of Plato / Olympiodorus*, Amsterdam.
- Westerink, L. G. (Ed.) (1962), *Prolegomena Philosophiae Platonicae. Anonymous Prolegomena to Platonic Philosophy. Sometimes Wrongly Attributed to Olympiodorus*, Amsterdam.
- Westermann, A. (1845), *Biographoi; vitarum scriptores graeci minores*, Brunsvigae.

Bibliografía

- Wilamowitz-Moellendorff, U. von 1881 = *Antigonos von Karystos*, Wilamowitz-Moellendorff, Ulrich von. Berlin, Weidmannsche Buchhandlung.
- Wilson (1997), *Aelian. Historical Miscellany*, edited and translated by N.G. Wilson. Cambridge, MA/London, Harvard University Press.
- Windelband, W. (1955), *Historia de la Filosofía Antigua*, Trad. J. Rovira Armengol, Buenos Aires.
- Wodd, E.M. (2011), *De ciudadanos a señores feudales: Historia social del pensamiento político desde la Antigüedad a la Edad Media*. Madrid.
- Zeller, E. (1876), *Plato and the Older Academy*, Transl. Sarah F. Alleyne and A. Goodwin, London.